

ENTRE A EDUCAÇÃO BANCÁRIA E A INTERCULTURALIDADE: REFLETINDO OS IDEAIS DE PAULO FREIRE EM TEMPOS DE “PÁTRIA EDUCADORA”

BETWEEN BANKING EDUCATION AND INTERCULTURALITY:
REFLECTING PAULO FREIRE'S IDEALS IN TIMES OF “EDUCATING
HOMELAND”

Rosane Barreto Ramos Santos

Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Brasil

rosanebarretorj@yahoo.com.br | orcid.org/0000-0002-3188-908X

Resumo

O presente artigo traz como objetivo refletir os conceitos de Freire sobre a educação bancária, o impacto na vida do aluno/trabalhador, a proposta de uma educação intercultural e analisar as investidas do site Brasil Paralelo de desconstrução da vida e obra de Paulo Freire presente no segundo episódio do documentário Trilogia Pátria Educadora intitulado **Pelas barbas do profeta**. A revisão bibliográfica associada a análise de conteúdo de Bardin possibilitou um olhar crítico sobre a influência da monocultura e intercultura nas práticas educacionais e sobre os relatos apresentados contra Freire no documentário “Pátria Educadora”. Discutimos a forma como os pressupostos da emancipação crítica dos oprimidos na sociedade atual continua ressoando como uma ameaça a manutenção do *status quo*. A problemática levantada e seus achados revelam a importância de intensificarmos a conscientização das classes populares, opondo-nos a quaisquer formas de cerceamento do direito dos esfarrapados da terra à liberdade de luta e emancipação de sua condição de oprimido.

Palavras-Chave: Educação Bancária; Interculturalidade; Pátria Educadora; Pedagogia do Oprimido.

BETWEEN THE BANKING EDUCATION AND THE INTERCULTURALITY:
REFLECTING ON PAULO FREIRE'S IDEALS IN **PÁTRIA EDUCADORA** TIMES

Abstract

The purpose of this study is to reflect Freire's concepts about banking education, the impact on student/worker's life and an intercultural education proposal and to analyze the site Brasil Paralelo efforts on the destruction of Paulo Freire's life and work presented in the second episode of Pátria Educadora Trilogy documentary entitled **Pelas barbas do profeta**. The bibliographical review associated to the analysis of Bardin's content, enabled a critical look on the influence of monoculture and interculture in the educational practices and on the reports presented against Paulo Freire in the documentary named “Pátria Educadora” (Land of Education). We discuss how the assumptions of the critical emancipation of the oppressed are still seen as threat to the maintenance of the *status quo*. The problem that was posed and its findings reveal the importance of strengthening awareness in the working classes, in opposition to any forms of restriction of rights of those who are land ragged, to their freedom to fight and their emancipation from being oppressed.

Key words: Banking Education; Interculturality; Pátria Educadora; Oppressed Pedagogy.

A R T I G O

Esta obra está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição - Não comercial - Compartilhar igual 4.0 Internacional.



Resumen

Este artículo tiene como objetivo reflejar los conceptos de Freire sobre la educación bancaria, el impacto en la vida estudiantil / laboral y la propuesta de una educación intercultural y analizar los avances del sitio web Brasil Paralelo para deconstruir la vida y obra de Paulo Freire presente en el segundo episodio de el documental Trilogia Pátria Educadora titulado **Pelas barbas do profeta**. La revisión bibliográfica asociada al análisis de contenido de Bardin, permitió una mirada crítica sobre la influencia de la monocultura y la intercultural en las prácticas educativas y sobre los informes presentados contra Freire en el documental “Pátria Educadora”. Discutimos las formas en que las premisas de la emancipación crítica de los oprimidos en la sociedad actual siguen resonando como una amenaza al mantenimiento del *status quo*. La problemática suscitada y sus hallazgos revelan la importancia de intensificar la concienciación de las clases populares, oponiéndonos a cualesquier formas de cercenadura del derecho, de los harapientos de la tierra, de la libertad de lucha y emancipación de su condición de oprimido.

Palabras clave: Educación Bancaria; Interculturalidad; Pátria Educadora; Pedagogía de los Oprimidos.

Introdução

Freire (2016; 2017) expressa como a relação de opressão se concretiza nos cotidianos das práticas sociais e sua consequente interferência nas ações educativas, sendo a escola um local onde forças antagônicas disputam as mesmas mentes e corpos: de um lado a concepção de uma educação bancária e de outro, a perspectiva de um fazer educativo intercultural. Tanto nos contextos social e educacional, podemos ver o ser humano desumanizado e subalternizado; inconsciente, mesmo que acordado; paralisado, mesmo que em movimento, fruto de um sistema de manipulação e opressão em que o **eu**, coloca o **outro** em situação de inferioridade.

Freire (2017) voltou seus ideais e seus esforços para o trabalhador pobre, o **esfarrapado do mundo** (FREIRE, 2017, p. 42), para que se posicionasse de forma autônoma, identitária e capaz de transformar sua própria história de vida. Freire (2017) levou-se ao encontro **do outro**, do ser humano subalternizado que aceitou o **ser menos** (FREIRE, 2017) como suficiente para o desenvolvimento de seu papel na sociedade indicando caminhos entre sociedade e escola para que sua condição de oprimido fosse conscientemente (re)pensada.

Nessa direção, a práxis desenhada por Freire (2016; 2017) busca a reflexão-ação sobre o antagonismo dos aspectos monoculturais que contribuem para a manutenção do *status quo*, característico de uma educação bancária ou dos aspectos interculturais que fornecem subsídios para uma construção crítica e emancipatória dos cidadãos, tirando-os de seu lugar de oprimido. Os ideais de Freire (2016; 2017) encontram em Fanon (1968; 2008); Walsh (2009) e Santos (2007; 2013) um diálogo possível de valorização das identidades dos trabalhadores fomentando formas outras de serem (re)pensados seus papéis por intermédio de uma educação que os liberte.

As profundas considerações sobre a sociedade e educação podem retirar o **excluído, o não sujeito da zona do não-ser** (FANON, 2008) onde se encontram aqueles que de alguma forma são silenciados e limitados à força do trabalho. São os **condenados da terra** (FANON, 1968), presos as realidades construídas pelo opressor e não desejadas (mas aceitas, por vezes, sem questionamento) pelo oprimido, que fazem com que a educação libertadora de Paulo Freire se constitua como uma alternativa de conscientização que respeite as identidades e as histórias de vida dos indivíduos.

O trabalho apresenta como objetivos refletir os conceitos de Freire sobre a educação bancária, o impacto na vida do aluno/trabalhador e a proposta de uma educação intercultural e analisar as investidas do site Brasil Paralelo de desconstrução da vida e obra de Paulo Freire presentes no segundo episódio do documentário Trilogia Pátria Educadora intitulado Pelas barbas do profeta.

A revisão bibliográfica permitiu que os fundamentos presentes nos pressupostos de Paulo Freire fossem apreciados e criticamente refletidos à luz da sociedade e da educação. Para contextualizar os discursos presentes no episódio Pelas barbas do profeta, foi utilizada a metodologia de análise de conteúdo de Bardin (2011). As narrativas de advogados, políticos, historiadores, jornalistas e até mesmo educadores fundamentaram a exploração do material, preocupando-se em identificar os elementos que correspondessem aos objetivos propostos na pesquisa. A delimitação temática foi baseada nas categorias analíticas: educação, saberes docentes, Paulo Freire, aluno/trabalhador e ideologia. Além disso, os nomes dos entrevistados usados nos resultados e discussão são fictícios a fim de evitar futuros transtornos.

Com os resultados obtidos foi possível compreender a complexidade estabelecida na relação opressor e oprimido e em quais bases sociais e educacionais se fundamentam uma educação bancária de manutenção do *status quo*, a relevância de pensarmos a educação à luz de princípios interculturais e de como a figura de Paulo Freire se configura como ameaçadora ao modelo de dominação imposto pela classe dominante.

Com os resultados obtidos foi possível compreender a complexidade estabelecida na relação opressor e oprimido e em quais bases sociais e educacionais se fundamentam uma educação bancária de manutenção do *status quo*, a relevância de pensarmos a educação à luz de princípios interculturais e de como a figura de Paulo Freire se configura como ameaçadora ao modelo de dominação imposto pela classe dominante.

1. Paulo Freire e sua obra: centenário de insurgência contra o *status quo*

Freire (2016; 2017) leva-nos a criticamente pensar as bases nas quais os pilares da sociedade e da educação estão alicerçados. Nos conduz a uma conscientização de como e porque utilizamos nossos tempos e espaços em prol do opressor e de como por vezes, nem nos percebemos oprimidos. Apresenta-nos um novo horizonte, sinalizando quão difícil e doloroso pode ser o processo de ruptura do opressor.

Reconhecendo-se como humano e partindo-se da descoberta de quem eu sou; quem é o outro e em qual condição nos encontramos, se faz necessário desenvolver mecanismos de libertação do opressor. Freire (2017) esforçou-se por trazer à tona, pensamentos, atitudes e construções sociais enfrentadas pelas classes menos favorecidas para que heurísticamente assumissem sua condição, desvencilhando-se da pseudolibertação fornecida pelo opressor.

Nessa lógica, Freire (2017) encontra nas práticas educacionais e nos processos de alfabetização do trabalhador uma alternativa para que a conscientização dos sujeitos aconteça. A leitura de mundo que Freire (1989) afirma preceder a leitura da palavra percorre o caminho traçado entre escola e sociedade. Por esse ângulo, o professor pode ser o elo entre aluno e mundo além

de auxiliá-lo a enxergar com um olhar crítico e questionador as situações que são causa e consequência de sua existência em sociedade.

Para que isso ocorra, é necessário que as práticas educacionais desenvolvam um olhar autônomo tanto de professores quanto de alunos e não um meramente reprodutivista. Trata-se de uma autonomia que permita libertar professores de seus planos de aula engessados para que a sala de aula não se torne uma grande retórica, por não considerar a fala do **outro**. **Deve** possibilitar ao aluno a oportunidade de (re)construir sua própria identidade, visões de mundo e sociedade.

Para que isso aconteça, o ensino precisa partir das experiências do povo, das vivências de seus cotidianos para que sejam despertadas consciências adormecidas pela manipulação da classe opressora (FREIRE, 2016). É a união entre sociedade e escola em favor da diversidade de sujeitos que pode viabilizar a libertação das classes desfavorecidas, das investidas da classe dominante.

Freire (2017) resgata as origens subumanas que atrapalham o slogan de progresso positivista que segue uma tradição ocidental eurocêntrica que se traduz em **sucesso**. Os desumanizados porque não capitalistas interferem ruidosamente nos ideais de desenvolvimento da classe dominante. Eles atrapalham um plano de progresso unilateral quando resistem por meio de suas práticas ancestrais ou pelo modo de viver como é o caso dos agricultores e ribeirinhos exemplificados por Freire (2017), o que segundo o autor não deixa de ser esta uma forma de se rebelar contra o sistema. Freire (2017), ao aguçar os sentidos de existência dos oprimidos, ultrapassa a intenção de causar transtorno, o que para ele se converteria em mero ativismo e ainda “provoca a fúria e a repressão maior do opressor”. (p. 72). O autor complementa que o objetivo maior é que os oprimidos se reconheçam “[...] como homens, na sua vocação ontológica e histórica de ser mais”. (FREIRE, 2017, p. 72).

Para que esse movimento de encontro do sujeito consigo mesmo aconteça, Santos (2007) sugere que não nos inclinemos a uma razão metonímica, encurtando o presente nem a uma razão proléptica alargando o futuro, pelo contrário, propõe que “expandamos o presente e contraiamos o futuro. Ampliar o presente para incluir nele muito mais experiências, e contrair o futuro para prepará-lo”. (SANTOS, 2007, p. 26).

Expandir o presente significa ampliar as possibilidades do oprimido para que, uma vez consciente de sua condição, possa agir em direção à práxis libertadora que, de acordo com Freire (2017) não pode ser confundida com alongamento, mas sim, converter em atitude as mudanças estruturais nas esferas políticas, econômicas, educacionais e sociais.

Este é o grande desafio desenhado por Paulo Freire: expurgar do oprimido o ranço histórico-cultural hegemônico e ontológico que permanece entranhado em sua carga hereditária e continua se perpetuando nas falas e atitudes de quem detém o poder. O cenário humano em que pese a relação oprimido e opressor apresentado por Freire (2017), deixa um legado de valor inestimável para a construção de uma sociedade e educação emancipatórias dos sujeitos, embasada na ampliação de horizontes, conscientização e transformação dos olhares para e sobre as classes sociais postas às margens da sociedade.

2. Paulo Freire e a concepção bancária monocultural

O termo educação bancária cunhado por Paulo Freire no livro *Pedagogia do Oprimido* de 1968, faz alusão à metodologia tradicional das práticas educativas e perdura até hoje nos sistemas escolares. Nessa forma de ensino os papéis desempenhados por professores e alunos são bem definidos. Os alunos se configuram como receptáculos onde são depositados os conhecimentos e os professores como detentores do saber que se deve aprender. Nessa relação não há a preocupação com fazeres pedagógicos plurais, pois os alunos estão condicionados àquilo que lhes é oferecido como aprendizagem.

Essa forma de educação condiz com a abordagem monocultural vivida pela escola e sociedade onde existe uma estrutura dominante que insere a ideologia de um único grupo nas teorias e práticas educativas, desconsiderando os diferentes movimentos socio-histórico-culturais vividos pelos diferentes sujeitos.

Segundo Freire (2017) a educação bancária é opressora, pois limita a aprendizagem à transmissão do conteúdo. O aluno se transforma em receptáculo onde serão depositadas todas as informações que se julguem necessárias que eles aprendam. Para Freire (2016) tal concepção se constitui como antítese de uma

educação autônoma onde “ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado” (FREIRE, 2016, p. 25), mas sim “[...] um processo pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, que pode torná-lo mais e mais criador”. (FREIRE, 2016, p. 26).

De acordo com as premissas da educação bancária, o educador transmite conteúdos acabados e se detém ao cumprimento dos currículos prescritivos que precisam ser cumpridos rigorosamente. A aprendizagem é quantificada e os sujeitos participam passivamente das ações que serão responsáveis pelo desenvolvimento de seus papéis em sociedade. Dessa forma, não existe espaço para o diálogo já que “o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados”. (FREIRE, 2017, p. 68).

Diante de tal contexto, carece a autonomia de estudantes e educadores que se perdem em meio a tantas atribuições curriculares, tornando inviabilizado e/ou dificultado momentos de reflexões sobre o que foi aprendido e ensinado. Desse modo, a educação bancária serve aos interesses da classe dominante, onde o aluno das classes populares nada mais é do que o futuro trabalhador da fábrica, cumprindo-se as estratégias de manutenção da sociedade vigente onde a ação de conscientizar se torna sinônimo de aceitar a realidade assim como ela se impôs: pelo convencimento e desesperança.

A educação bancária não está preocupada com a conscientização dos alunos, pois esse movimento impele que sejam (re)pensadas as diferentes culturas e histórias dos sujeitos e suas interações. Por outro lado, essa ideologia dominante preocupa-se com a manutenção da hierarquia verticalizada dentro da própria escola onde existe uma separação de papéis entre quem ensina e quem deve aprender. Nessa direção, a educação “é puro treino, é pura transferência de conteúdo, é quase adestramento, é puro exercício de adaptação ao mundo”. (FREIRE, 2000, p. 101).

[...] Não temo dizer que inexistiu validade no ensino de que não resulta um aprendizado em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado, em que o ensinado que não foi aprendido não pode ser realmente aprendido pelo aprendiz. (FREIRE, 2016, p. 26).

A educação bancária é favorável aos ideais de classe dominante, pois, mantém as identidades históricas e culturais subjugadas a uma só, a de quem domina, sem que se produzam questionamentos. Permanece um discurso de ordem e verticalização da aprendizagem onde não é possível a aplicação do pressuposto de Freire (2016, p. 25) que afirma que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

Portanto, permanece o sistema educacional equilibrado dentro dos padrões neoliberais e em desequilíbrio dentro dos olhares de professores e alunos já libertos das amarras invisíveis do sistema social dominante. Enquanto a educação for estabelecida nessas bases excludentes, mais difícil será para o aluno passar de receptor de conteúdos para questionador de conceitos. Portanto, para haver essa tomada de autonomia pelo aluno, segundo Freire (2017, p. 73) é necessário que “[...] creiamos nos homens oprimidos. Que o vejamos como capazes de pensar certo também”.

Quando a escola não credita a seus alunos seus saberes como válidos e relevantes, quando não trabalha o reconhecimento das diferentes culturas, quando não apresenta a seus alunos versões **outras** das histórias, quando não discute assuntos relacionados a hierarquização, subalternização e processos excludentes, pode continuar promovendo práticas monoculturais, criticadas por Santos (2007); Freire (2016); Walsh (2009) por não considerarem as identidades e os conhecimentos plurais dos sujeitos.

O processo educacional monocultural foi intensamente combatido por Freire (2016; 2017), pois ele tinha a convicção de que as amarras que se prendiam a esse sistema de sociedade e de escola eram obstáculos a uma emancipação crítica e cidadã dos sujeitos. Entretanto, Freire (2016) alerta que só é válido o empenho por uma educação plural se acreditarmos nos sujeitos oprimidos, na valia de suas histórias e no potencial criador que possuem. Sem esta convicção, “[...] caímos nos slogans, nos comunicados, nos depósitos, no dirigismo. Esta é uma ameaça contida nas inautênticas adesões à causa da libertação dos homens”. (FREIRE, 2017, p. 73) e corremos o risco de repetir as teorias e práticas bem delimitadas e desenhadas pela classe dominante.

Para que isso não ocorra, deve-se preferir a subjetividade (FREIRE, 2016) inerente a cada aluno à objetividade presente em uma educação bancária e

monocultural. As mudanças de paradigmas por parte dos professores, assumindo uma posição de diálogo, podem favorecer uma percepção ampliada dos alunos deixando “transparecer [...] que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo”. (FREIRE, 2016, p. 30).

3. Uma educação intercultural por uma ação transformadora da práxis

Freire (1992) nos dá esperança, do verbo esperar, quando afirma que o aluno pode se insurgir quanto a determinadas atividades monoculturais e se tornar um questionador do sistema no qual esteja inserido, “por causa do processo mesmo de aprender, dar, como se diz na linguagem popular, a volta por cima e superar o autoritarismo e o erro epistemológico do ‘bancarismo’”. (FREIRE, 2016, p. 27).

Com isso, o aluno tem a oportunidade de desenvolver sua “curiosidade epistemológica” (FREIRE, 2016, p. 27), aprendendo com sua própria força, estimulando seu pensar rumo às novas possibilidades de viver contextos sociais e aprender além daquilo mecanicamente prescrito e previsto, surpreendendo a si mesmo e ao sistema social instituído que dele não esperava mais nada. Portanto, o aluno bancário tem a chance de se tornar um renovado aluno questionador.

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta, faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos. (FREIRE, 2016, p. 33).

Nessa educação libertadora, o ideário de liberdade começaria pelo reconhecimento e valorização das identidades dos sujeitos, assumindo para si e para o mundo as diferenças características que cada um carrega em seu DNA hereditário e social. É uma passagem do sujeito, de objeto do ensino-aprendizagem para sujeito do ato reflexivo de pensar-se e colocar-se criticamente no mundo.

Além disso, Freire (2016) defendeu que uma educação verdadeiramente libertadora não deve se desvincular do rigor científico e que deve se ocupar do aprender e do ensinar simultâneos, onde aprendem e ensinam tanto professores quanto alunos, reconhecendo-se a relevância de aprender tanto o conhecimento existente quanto estarem abertos à produção de conhecimento que ainda não existe. Nesse sentido, ensinar, aprender e pesquisar se configuram como movimentos do ciclo gnosiológico, onde a “‘discência’ – docência-discência – e a pesquisa são indicotomizáveis”. (FREIRE, 2016, p. 30).

Uma educação intercultural pode responder a necessidade de a escola repensar a tríade ensinar, aprender e pesquisar em um movimento dinâmico de interrelação por meio de práticas dialógicas, de interação entre os sujeitos e os conhecimentos sem que suas identidades culturais sejam relegadas a um segundo plano.

Para isso, conceber interculturalmente o processo de ensinoaprendizagem requer proatividade, dinamismo e comprometimento com a produção de ideias e práticas de reconhecimento cultural, sem discriminações ou exclusões, para assim estabelecer diálogos que sejam livres e mutuamente construídos entre as culturas e que discutam os elementos de exclusão e opressão onde os sujeitos estejam inseridos.

Freire (2017) consegue provar que uma aproximação real do sujeito pela aprendizagem não será alcançada pela artimanha monocultural neoliberal aceita passivamente no ideal de um mundo globalizado, mas sim por uma abordagem intercultural como uma alternativa **outra** (WALSH, 2009) de pensar práticas pedagógicas que contemplem em suas bases as dimensões política, histórica, epistêmica e social dos indivíduos para nos posicionarmos frente a razão neoliberal.

Isso não significa dizer que a educação monocultural não tem seu caráter político; ao contrário, ela se sustenta em uma política neoliberal de convencimento e desvalorização das diferenças, que recorrentemente se camufla em pressupostos interculturais, fingindo um discurso libertador, mas que na verdade, mantém a opressão. Para Freire (2017, p. 72) isso significa que “[...] pretender a libertação deles sem a sua reflexão no ato desta libertação é

transformá-los em objeto que se devesse salvar de um incêndio. É fazê-los cair no engodo populista e transformá-los em massa de manobra”.

Em consonância com a manipulação destacada na fala de Freire (2017), Frigotto (2017) alerta sobre a preocupante descaracterização da intencionalidade política dos atos de aprender e ensinar em pleno século XXI, por determinadas esferas sociais. Os pressupostos interculturais podem favorecer que essa característica, essencial no processo de libertação do aluno/trabalhador, esteja presente nas práticas da sala de aula, discutindo as relações de poder e submissão. Nessa (re)construção, Freire (2016; 2017); Santos (2007; 2013); Fanon (1968; 2008); Walsh (2009) e Frigotto (2017) reafirmam o intrínseco vínculo e relevância entre política (não politicagem) e as práticas pedagógicas que se importem com a conscientização/emancipação crítica dos sujeitos.

Pensar na educação como um ato político, é implementar na ação de educar os pressupostos de uma interculturalidade crítica (WALSH 2009) a fim de serem discutidas as condições dos excluídos, as relações de poder e de submissão no regaste das identidades e subjetividades dos indivíduos, para que uma vez deslocados da zona do não ser para um lugar de protagonismo, possam ser os autores de suas próprias histórias de vida.

Uma abordagem intercultural pode contribuir para conscientização do que os sujeitos são, como são representados e como podem ser agentes de mudança nos contextos sociais que estão inseridos, em direção a uma democracia que forme cidadãos críticos em uma sociedade.

Convém, em verdade, cultivar uma percepção positiva e construtiva do **outro** como alguém capaz de, por meio do diálogo, construir uma vida coletiva melhor. Importa, pois que o ensino viabilize uma formação básica que permita aos alunos a compreensão sobre o mundo em suas múltiplas identidades e realidades sócio-históricas, fazendo da escola um lugar crítico de empoderamento social, onde tanto professores quanto alunos sejam agentes multiplicadores de ideias e práticas democráticas.

4. Um Brasil Paralelo para uma Pátria Educadora: desconstrução de Paulo Freire e da democracia

Paulo Freire foi oficialmente considerado Patrono da Educação Brasileira pela Lei nº 12.612, de 13 de abril de 2012, promulgada pela então Presidenta Dilma Rousseff. A homenagem faz jus a um trabalho impecável de alfabetização das classes populares e ao olhar emancipador e conscientizador alicerçado sobre o processo educativo, indo ao encontro dos pobres e marginalizados, principalmente em direção dos jovens e adultos que precisavam escolher entre o lápis e a enxada, entre o direito a aprender e a necessidade de trabalhar para sobreviver em uma sociedade díspar.

A homenagem destinada a Paulo Freire, por um lado teve consequências profícuas nos campos social, educacional e acadêmico ratificando a visibilização do conjunto de sua obra em território nacional e internacional além de fomentar a disseminação de seus ideais de libertação e autonomia dos sujeitos das classes populares. Por outro, fomentou crescentes ataques à sua memória e ao seu legado que culminaram com uma das investidas sendo implementada pelo site de extrema direita intitulado Brasil Paralelo, criado em 2016.

As falsas concepções sobre Freire e sobre as análises históricas do Brasil apresentadas no site Brasil Paralelo são baseadas em inverdades científicas cujas informações elencadas ao longo dos vídeos contribuem para o aumento da ignorância, do discurso de ódio, do fomento a comportamentos contrários às informações científicas favorecendo o agravante momento histórico de difusão de *fake news* que alcança grande parte da população.

Com o objetivo de autoeducação, o site conta com produções em forma de documentários que apresentam versões que descontextualizam e descaracterizam os acontecimentos históricos, trazendo uma abordagem voltada para o discurso da classe dominante. Uma de suas apostas lançada em março de 2020 é a chamada **Trilogia Pátria Educadora**. Os três documentários apresentam uma versão ideológica de combate ao que eles denominam de ideologia esquerdista.

De acordo com os idealizadores dos documentários, os vídeos visam a fazer emergir **verdades** sobre os fatos que compuseram a História, pois como eles próprios afirmam, a academia está impregnada com as propostas da **esquerda** que se difundiram entre os professores da educação básica. A fim de **revelar** a verdade sobre os fatos, o objetivo do documentário aponta para a história sobre a educação no Brasil dividida em três episódios. Voltamos nossa

análise sobre o segundo episódio intitulado ‘Pelas barbas do profeta’. O título apresentado é sugestivo e faz alusão à aparência de Freire e a libertação dos povos que se dava em tempos antigos pelas ações e intervenções proféticas.

Apesar do grande movimento das classes populares em torno de uma conscientização sobre a educação e a emancipação dos sujeitos, a proposta do documentário, como uma investida da extrema direita, revela o cenário ainda desafiador e desigual na luta contra a desestruturação que o neoliberalismo impõe implícita ou explicitamente, na tentativa de desarticular movimentos dos coletivos sociais populares utilizando-se do próprio discurso de democracia para desenvolver consciências antidemocráticas.

Dessa forma, a alfabetização crítica baseada em uma leitura do mundo, proposta por Paulo Freire, mais especificamente na Pedagogia do Oprimido, vem se configurando como alvo de deturpações de seus sentidos emancipadores, desconstruindo conceitos, despersonificando Freire como educador pela autonomia dos alunos e o personificando como um revolucionário inimigo da democracia, conduzindo o leitor pelo caminho da dúvida: Seria Paulo Freire, um **apaixonado pela educação** ou um **inimigo da democracia**? Esse questionamento é subliminarmente pontuado como um dos argumentos para colocarmos em dúvida os reais objetivos de Freire em relação à emancipação crítica do oprimido na sociedade

Metodologia

A metodologia qualitativa com base na análise de conteúdo de Bardin (2011) configurou-se como a análise de dados fundamental para nortear o trabalho apresentado. Com base nesse enfoque qualitativo foi possível investigar em profundidade e extensão as narrativas produzidas e disponibilizadas acerca das concepções sobre Paulo Freire e sua obra. Inicialmente foi feita a transcrição das narrativas presentes no documentário para posterior análise dos dados relevantes de acordo com a proposta do artigo.

Entende-se por transcrição não uma simples reprodução escrita do que foi ouvido e/ou observado, mas uma atitude de vigilância crítica (BARDIN, 2011) de onde pode ser extraído inferências, gestos, sons repletos de significados que agregam valor ao que se considera dado passível de análise. Após assistir de

modo sistemático o documentário, buscou-se através da unidade de registro: tema, as recorrências dos trechos que emergiram nas falas dos participantes para agrupá-las conforme a frequência.

Depois dessa etapa de codificação, foi utilizado o modelo de categorização no qual se empregou o processo onde “É fornecido o sistema de categorias e repartem-se da melhor maneira possível os elementos, à medida que vão sendo encontrados”. (BARDIN, 2011, 119). Os dados foram categorizados por meio de critérios analíticos seguindo as regras de homogeneidade, pertinência, representatividade e fidelidade (BARDIN, 2011). No quadro 01 estão descritas as categorias analíticas e a unidade de registro (temas) conforme a metodologia de análise de conteúdo segundo Bardin (2011):

Quadro 01: Categoria analítica e Unidade de registrar

CATEGORIA	TEMA
Educação	Influência de diferentes escolas do Brasil
	A escola como lugar de assimilações de conteúdos
Saberes docentes	Diversidade de saberes
Paulo Freire	Desconstrução da imagem de Paulo Freire
Aluno Trabalhador	A relação entre aluno-escola-trabalho
Ideologia	Freire como um inimigo da democracia

Fonte: A autora, 2022.

Pelas barbas do profeta: resultados e discussão

O episódio Pelas barbas do profeta traz em seu fundo musical melancólico, o prólogo da ‘educação comunista’ da qual Paulo Freire é acusado porque, segundo os entrevistados, incita o povo contra seus empregadores. Em paralelo, apresentam-se subliminarmente, discursos positivistas, destacando-se vultos da história do Brasil, hostilizando, ridicularizando e ofendendo pessoas e pensamentos opostos a ideologia que pretendem disseminar. Questionam, desde o início de suas colocações, a impossibilidade das classes populares discernirem e opinarem sobre seus próprios destinos.

Com o intuito de induzir as pessoas a tomarem como verdade incontestável sua ideologia, movimento oposto a um mundo diverso de opiniões

e ideias, fazem uma leitura confusa de informações históricas distorcendo os fatos e expondo suas opiniões sem bases científicas que comprovem a veracidade dos contextos ali elencados.

A fim de analisar as narrativas apresentadas os dados foram levantados com base em Bardin (2011). As categorias e o temas abaixo elencados nortearam a compreensão dos conceitos e contextos apresentados durante as entrevistas e em como a figura de Paulo Freire ainda pulsa, vive e se configura como ameaçadora à manutenção do poder da classe dominante.

Categoria: Educação. Tema: Influência de diferentes escolas no Brasil. Segundo Edson (2020, 12'15'') havia três tipos de escolas que (em sua opinião) predominaram no Brasil: a Católica, aludindo à escola tradicional trazida pelos Jesuítas; a Nova, referente ao movimento da Escola Nova e a Comunista, cuja figura de Paulo Freire se destacava como grande expoente tendo seus livros, principalmente Pedagogia do Oprimido, um teor contrário à democracia. As colocações não apresentavam fundamentação teórica que corroborasse com as afirmações/acusações apresentadas. Porém, ao leitor que não está familiarizado com as obras de Freire, pode causar confusão quanto aos ideais que ele trazia para educação.

Ainda na categoria educação, o tema: A escola como lugar de assimilação de conteúdos, trouxe o olhar de Jane (2020, 34'08'') quando afirma que a sala de aula não deve se constituir como lugar para debates e sim, para o aprendizado único e exclusivo de conteúdos disciplinares. Sob o tema: Conscientização das classes populares, Jane (2020, 34'08'') afirma que Freire não fala de uma conscientização do aluno para que se construa uma autonomia do pensamento, mas que se configura como uma fala de desesperança já que o aluno pobre e trabalhador não terá condições de mobilidade social.

Enfatiza-se ao longo do documentário a impossibilidade de o professor ensinar conscientizando. Para os entrevistados, a função exclusiva do professor é a transmissão de conteúdos. Qualquer atitude em direção a conscientização do sujeito trabalhador sobre sua posição de oprimido, seria a real exclusão do sujeito já que ele não conseguiria ascender socialmente. Para os participantes, qualquer movimento de emancipação dos alunos pelos professores em sala de

aula é fazer ‘politicagem’ que não é uma atribuição docente. Tem-se a fala da classe dominante cuja escola não pode dialogar com e sobre a sociedade.

Categoria: Saberes docentes. Tema: Diversidade de saberes. Os entrevistados afirmam que Paulo Freire diminui os saberes docentes, quando afirma que não há saberes menores ou maiores, somente diferentes. Com essa afirmação, eles afirmam que Paulo Freire desconsidera as habilidades docentes. Consideram absurda a ideia de que os diferentes saberes possam ser igualitários. Para eles, o aluno deve assumir unicamente o lugar de quem aprende e o professor, de quem ensina.

As narrativas diminuem (em tons de sarcasmo), a capacidade que o oprimido tem de se conscientizar por meio da educação. Para os entrevistados, o entendimento do professor sobre seu domínio em sala de aula e a capacidade de conscientizar seus alunos, se reduz à mera politicagem, chegando ao ponto de dizerem que já que “o aluno é o oprimido, o professor é o opressor” (ANTUNES, 2020, 46’40”).

Categoria: Paulo Freire. Tema: Desconstrução da imagem de Paulo Freire. Um dos entrevistados, após ler Pedagogia do oprimido, diz-se “chocado”, pois Freire era “aberto, honesto e explícito sobre a politização da sala de aula” (EDSON, 2020, 34’08”). Para esse entrevistado, escola e política são assuntos que não se misturam e muito menos se complementam. Tal fato embora lhe seja surpreendente vai ao encontro de Santos (2007; 2013) e Frigotto (2017) além do próprio Freire (2017) quando afirmam que onde formos sempre faremos política.

Os discursos que se seguem são ilógicos, porém, tão meticulosamente orquestrados que é fácil confundir o leitor comum. Exemplo disso, é Carvalho (2020, 47’32”) afirmando que Freire criou uma “estratificação social invencível, intransponível”, pois no contexto no qual Freire convida o oprimido a se situar, há um realismo que empobrece a linguagem, a literatura, o imaginário.

Segundo Edson (2020, 35’08”) Paulo Freire não é uma pessoa generosa e não se importa com a autonomia dos alunos, simplesmente pelo ato pedagógico em si. Edson (2020) tenta convencer o expectador de que Freire é um inimigo da democracia, adjetivando-o de **revolucionário**. Tal afirmação, em um país pseudodemocrático, fomenta incertezas sobre a figura de Freire, podendo afastar

os leitores iniciantes da literatura de Freire para não compactuarem com um escritor subversivo e inimigo do progresso.

Categoria: Aluno/trabalhador. Tema: A relação entre aluno-escola-trabalho. O foco dos relatos se concentra na desconstrução do livro Pedagogia do Oprimido. Para Jane (2020, 35'34") o deslocamento do lugar do oprimido de trabalhador para estudante, em um processo de alfabetização, nada mais é do que uma "leitura de Marxismo vulgar" ou um "Neo Marxista à Brasileira" (JANE, 2020, 40'09").

Jane (2020, 37'38"), ao desdobrar sua narrativa, afirma que a alfabetização oportunizada aos adultos era uma alfabetização proposital para que depois esses alunos reflexivos se insurgissem contra seus patrões. Portanto, ensinar com base nos termos geradores, utilizando-se palavras do cotidiano das práticas laborais era uma maneira ardilosa de conscientizar sobre os padrões opressores, ensinando um Marxismo de baixo nível (SILVA, 2020, 40'55").

Eles assumem que as palavras geradoras, partem realmente de uma alfabetização pela práxis do aluno trabalhador, mas que a conscientização sobre sua condição social, leva-os a criticar sem entender como se alunos e professores fossem meros repetidores de Paulo Freire, afirmando que a conscientização do aluno sobre sua situação de oprimido é o que o mantém estagnado à sua classe social.

Silva (2020, 40'58") reforça que o objetivo de Freire em seu discurso não é a ascensão social, mas a perpetuação do aluno/trabalhador ao estado de pobreza em que se encontra. A presente afirmação vai de encontro com o que Freire (2016; 2017) diz em sua obra, de que é pela consciência de sua situação e uma vez liberto do opressor, que conseguirá trilhar seus próprios caminhos e não os limitar socialmente.

Categoria: Ideologia. Tema: Freire como um inimigo da democracia. Segundo Edson (2020, 36'20") a conscientização de Freire conduz a uma filosofia anticapitalista, antiliberal e a favor de uma consciência revolucionária, lendo-se essa filosofia como um risco a uma verdadeira educação e democracia. Não obstante desconstruírem a imagem de Paulo Freire ainda se utilizam de seus escritos, chegando a qualificar alguns trechos de sua obra como "frases macabras" (EDSON, 2020, 37'10").

Silva (2020) prossegue com considerações sobre o livro *Pedagogia do oprimido* como “Mini Manual do Guerrilheiro Educador” (SILVA, 2020, 37’38”). Afirmando que sua abordagem legitima a politicagem de professores progressistas e que graças a Freire criou-se um álibi, um pretexto para se falar de política dentro da sala de aula, vendendo-se uma ilusão de que o aluno/trabalhador teria direito a criticidade, mesmo sem entender o que é política. Para eles, a *Pedagogia do Oprimido* é apologia a criminosos e consideram que quem lê essa obra, não a lê criticamente. De acordo com o entrevistado, Freire só é debatido porque somos um país socialmente doente.

Se alguém ainda tiver dúvidas de como se constrói na prática, ideologias monoculturais que atravessam as salas de aula e diminuem o fazer docente e a capacidade intelectual dos alunos, convido a assistirem, desprazeiramente a esse documentário, que deve nos impulsionar a intensificar nossas lutas pela emancipação consciente e política que ameaça as classes populares e trabalhadoras. É o direito de pensar, viver e agir em sociedade constituindo a educação como um caminho possível de não ser mais oprimido socialmente.

A extrema direita vê em Freire uma constante ameaça ao *status quo* e, por isso, tenta a qualquer custo desconfigurar seu legado e sua história, considerando-o subversivo, comunista, agitador e reacionário pelos que controlam o sistema vigente. As tentativas de manipulação da própria História para dela extrair convencimentos insustentáveis são provas de que os ideais de Paulo Freire continuam reverberando pela sociedade e pelos corredores escolares.

Pensar o excluído, do lugar do excluído; ouvir o excluído, dando-lhe pertencimento e consciência de sua importância no mundo deixa uma marca intransponível nos seres humanos. Não há como falar de construção plural de conhecimento sem trazer Paulo Freire à cena. Nesse centenário, temos pela frente um longo caminho a trilhar, sempre vigilantes às intempéries que se sucederão.

Considerações Finais

O legado de Paulo Freire despertou no oprimido a reivindicação por seu lugar de fala. Discutindo as relações de poder e utilizando a educação como via

de acesso à emancipação dos sujeitos, ele possibilitou que o aluno/trabalhador tivesse visibilidade social. Suas realidades, enfrentamentos do cotidiano, estudar ou trabalhar como dilema de vida e sobrevivência e a urgência de pensarmos e agirmos formas outras de valorização das diferentes identidades, tornam as obras de Freire referenciais para uma educação que inclua os esfarrapados da terra em contextos sociais atuantes.

Freire transformou os pressupostos educacionais e ao fazê-lo, contribuiu para a compreensão da escola como um espaço de diálogo e de (re)construção social. Mudou a forma de estabelecer conexões entre aprendizagem e sujeitos, passando os indivíduos de objeto de estudo, depósito de conteúdos para sujeitos ativos e questionadores de si, sobre os outros e sobre seu lugar no mundo.

A interculturalidade crítica, reflexiva e cidadã pode auxiliar professores juntamente com os pressupostos de Freire a fazerem uma leitura do mundo e da palavra respeitando as subjetividades e os locais de fala dos sujeitos. Essa dinâmica emancipadora configura-se como ameaça para a manutenção da classe dominante, pois a monocultura presente em uma educação bancária daria lugar a uma perspectiva intercultural.

A abordagem contida em *Pelas barbas do profeta* idealizada pelo movimento *Pátria Educadora* e divulgada pelo site *Brasil Paralelo* é exemplo do atual esforço da classe opressora para tornar Freire um inimigo da educação democrática. A presente iniciativa nos ajuda a compreender as bases monoculturais nas quais o opressor desenvolve seus mecanismos de dominação e aponta para a urgência de fomentarmos a criticidade dos alunos por meio da palavra que liberta.

Nessa direção, Freire torna dinâmica e construtiva a relação entre esperança e autonomia onde mundo e escola se complementam. A possibilidade de unir esses dois espaços favorece uma aprendizagem dialógica, reflexiva e crítica onde a partir da consciência de si, do lugar do outro e de sua força no mundo, os sujeitos podem se emancipar social e educacionalmente.

Sendo assim, a busca por diálogos que deem visibilidade para as questões socioculturais existentes na escola são fundamentais para a adesão às práticas pedagógicas reflexivas. Logo, os pressupostos freireanos em convergência com

uma perspectiva intercultural dão suporte ao enfrentamento de políticas assimétricas de desvalorização do docente, do aluno/ trabalhador pobre, hoje tão presente em diferentes esferas do país.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. **Lei nº 12.612, de 13 de abril de 2012**. Declara o educador **Paulo Freire Patrono da Educação Brasileira**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/222-537011943/17681-paulofreire-e-declarado-o-patrono-da-educacao-brasileira>. Acesso em: jun. 2020.

FANON, Franz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FANON, Franz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 54ª ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 63. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A gênese das teses do Escola sem Partido: esfinge e ovo da serpente que ameaçam a sociedade e a educação. In: FRIGOTTO, Gaudêncio. (Org.). **Escola “sem” partido**: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. 14. Ed. São Paulo: Cortez, 2013.

TRILOGIA Pátria Educadora. **Pelas barbas do Profeta** – Capítulo 2. **Brasil Paralelo**, 2020. (72m01s). Disponível em: <https://site.brasilparalelo.com.br/series/patria-educadora/>. Acesso em: jun. 2020.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: insurgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria. (Org.). **Educação intercultural**

na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 letras, 2009.